



GESTÃO ESCOLAR E SUA ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DO PROFESSOR

Joyce Araujo Reinol¹

Ana Paula Oliveira Rescia²

INTRODUÇÃO

A área da educação conta com uma grande quantidade de profissionais. No entanto não podemos dizer que a quantidade reflete diretamente a qualidade neste campo do saber. Infelizmente, cada vez mais, encontramos profissionais desmotivados e a formação contínua desses profissionais (ou a ausência dela), a nosso ver, pode influenciar diretamente o trabalho realizado em sala de aula e na escola.

Profissionais desatualizados perpassam práticas sem se questionarem, muitas vezes, do real intuito ou sem entender se o que está sendo realizado atende de fato a aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, não é novidade ler ou ouvir relatos de colegas sobre o fato de ter em escolas públicas laboratórios (sala de leitura ou de informática, por exemplo) parados por falta de qualificação profissional (desconhecimento de como lidar com tais ambientes). É uma realidade preocupante não apenas pelos espaços que não são usados, mas por aqueles que podem ser privados de experiências determinantes para o seu desenvolvimento.

Dessa maneira, questionamos: A formação contínua do professor está presente no cotidiano escolar? De que modo a gestão escolar pode auxiliar nesse processo? Voltando-se para a maneira que a formação pode ser estimulada, temos como objetivo destacar a relação estabelecida entre a

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista – Unesp - Presidente Prudente. Especialista em Psicopedagogia Institucional - Universidade do Oeste Paulista - Presidente Prudente. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal Presidente Prudente – SP. E-mail: joycereinol@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – Unesp - Araraquara. Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – Unesp -Presidente Prudente-SP. E- mail: ana.rescia@unesp.br.



gestão escolar e a formação contínua de professor.

DESENVOLVIMENTO

Enfrentamos uma era globalizada, onde a informação está disponível com mais fácil acesso. No entanto, é comum que a experiência e aprendizagem de novos saberes são adiadas à possibilidade de um futuro incerto, muitas vezes. Por tantas vezes o ato de ler é requerido nas escolas como tarefa obrigatória e, neste sentido, o prazer pela leitura pode ser prejudicado e não ser despertado, instigando a uma mera decodificação de texto. Ou seja, um leitor passivo, que não consegue estabelecer relações com o que lê, não ativa o seu conhecimento prévio, não faz conexões e possíveis inferências oferecidas pelo texto são descartadas.

Segundo Kleiman (1996, p.24) "é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto".

A possibilidade de haver troca de saberes é propulsora do estímulo e amplia a interação entre o texto e o leitor. Mas o fato de existirem ações esvaziadas de possibilidades no contexto escolar acaba sendo causa para desencorajamento de melhores vivências na escola.

Nos dias atuais não é novidade para qualquer profissional da área educacional que a atuação do professor está diretamente ligada a sua formação e que seus alunos também repercutem suas ações. Logo, a formação contínua é um importante fator para o desenvolvimento ou dificuldades em lidar com as problemáticas que o ambiente escolar proporciona na rotina diária.

Acontece que pensar a formação contínua implica em diversos aspectos, dentre eles o incentivo. Nesse sentido, não é difícil compreender o desestímulo do professor perante a rotina escolar com tantos afazeres. Vê-se como possibilidade alguém que consiga voltar um olhar mais empático ao professor.



Um profissional que esteja dentro do ambiente escolar, que entenda as necessidades de trabalho e que conheça o perfil dos alunos. E quem melhor do que membros da gestão escolar para pensar em ações de desenvolvimento de trabalho?

A escola como um ambiente plural, deve não apenas propiciar a formação dos indivíduos, mas deve ser também um ambiente que possa cumprir seu objetivo à luz de princípios coletivos, democráticos e voltados para o mundo do trabalho. Nessa direção, a escola tem a responsabilidade de formação em dupla dimensão: individual (homem como sujeito autônomo) e social (liberdade como construção histórica). Em outras palavras, a escola tem como papel a formação da personalidade do educando na sua integralidade (conteúdos/cidadão) que segundo Paro (2007, p.55) é a “função propriamente educativa da escola, como agência que propicia a apropriação do saber historicamente produzido” e que, a nosso ver, pode ao mesmo tempo colaborar com a formação contínua do professor.

Por outro lado, quando as ações realizadas no ambiente escolar não conseguem atender ao desenvolvimento dos alunos pode-se criar desestímulo aos estudantes e também aos professores. Principalmente quando as práticas se tornam obsoletas ou o trabalho pedagógico não consegue suprir a necessidade dos alunos, a escola não deve centrar ações apenas no professor. Para que o objetivo escolar seja cumprido, deve ser proporcionado um esforço coletivo, sendo guiado por uma gestão escolar com caráter democrático (CURY, 2014).

É preciso considerar que a escola viva é constituída de sujeitos reais, concretos, a começar pelos protagonistas do fazer pedagógico – os professores. Para isso, é necessário investir na formação dos docentes, para que estes sejam “formados” com capacidade de planejar e agir por meio de diferentes caminhos, respeitando a realidade social em que os estudantes se inserem. Nesse sentido, é que se considera o professor como sujeito essencial à (re)formulação da prática gestora e pedagógica e, conseqüentemente, de transformação da escola e da própria sociedade (SARTORI, 2015, p.41).

Nesse momento, aquele professor que não teve uma formação de base consistente, talvez não tenha iniciativa para poder mudar sua realidade



enquanto atuante do ambiente educacional e a gestão da escola pode ser uma aliada no processo de formação contínua.

O gestor pode ser colaborador na continuidade de formação levando em consideração as funções que constituem o sistema de organização e gestão escolar que são: planejamento, organização, direção/coordenação e avaliação, além do incentivo como sendo um dos primeiros passos.

Sartori (2015) aponta que um novo modo de fazer a escola passa pela gestão escolar quando o gestor tem a perspectiva de que o sujeito real é humano, social, político, situado e datado em um espaço permeado de conflitos e desafios, enlaçando-se a isso certo conhecimento que deve ser produzido a partir da realidade e para o trabalho coletivo da comunidade escolar.

Ainda segundo o autor, a formação contínua pode colaborar com a efetividade de ações de um profissional que seja capaz de superar práticas de ensino fragmentadas e compartimentalizadas, além de ultrapassar a condição de professor insatisfeito com a realidade do ensino, mas que não consegue fazer a sua realidade se modificar (SARTORI, 2015).

Na sociedade em que vivemos e que se encontra em contínua mudança, o desafio de uma formação que tenha continuidade pode surgir como resposta às necessidades individuais e organizacionais. Embora em muitas realidades a gestão da escola seja alicerce para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, sabemos que ainda não acontece o mesmo em todos os cenários escolares.

CONSIDERAÇÕES

Os processos de formação contínua do professor estão presentes no cotidiano escolar de algumas escolas. Em determinadas áreas de estudo, essas ações de formação são mais difíceis de serem contempladas quando não se há uma figura engajada com temáticas específicas para, por exemplo, realização de projetos voltados a assuntos pontuais.



Assim, a partir do momento que a gestão escolar assume o compromisso de trazer como meta momentos formativos para seus professores, tem como reflexo direto a ação pedagógica com alunos. Resultado de grande valia ao pensarmos no objetivo real da escola como espaço formativo para estudantes e profissionais da educação.

Nesse sentido, a escola deve privilegiar ações que agreguem esforços que resultem em melhorias aos que são responsáveis pelo ensino - os professores - e aos que estão em busca da aprendizagem, os alunos.

Entendemos que a formação contínua do professor no ambiente escolar seja resultado de esforços coletivos. E quando se há um ator social (ou escolar) guiando as ações, como destacado o papel de importância do gestor escolar, torna-se possível a efetividade da ação formativa na escola.

Por fim, ao juntar esforços coletivos e democráticos para formação contínua do professor e melhor formação dos alunos pode ser possível romper paradigmas a respeito dos mais diversos temas, além de possibilitar melhor uso dos ambientes que a escola dispõe e dinamizar processos formativos contínuos por meio de saberes mais significativos.

REFERÊNCIAS

CURY, C. **Gestão Educacional**: novos olhares. Petrópolis, RJ: Vozes. p.15-21, 2014.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 1996.

PARO, V. As funções da escola, a estrutura didática e a qualidade do ensino. In: PARO, V. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática. 2007, p.33-81.

SARTORI, J. O ensino em gestão escolar: desafios à gestão dos processos pedagógicos. In: LOSS, A. S.; SARTORI, J.; PIEROZAN, S. S. H. (Org.). **Estágio Supervisionado em Pedagogia**: concepções e práticas. 1e. Curitiba, PR: Appris, v.1, p.39-48, 2015.